

Robert Lévy

O infantil na psicanálise

O que entendemos por sintoma na criança

Tradução: Sonia Führmann

Revisão técnica da tradução: Leandro de Lajonquière



EDITORA
VOZES

Petrópolis

APRESENTAÇÃO

Dr. Leandro de Lajonquière
Professor titular da USP

Gosto de lembrar que esses seres pequenos que chegam ao mundo um tempo depois que nós – e que chamamos crianças – têm por especialidade “chutar o balde” das elucubrações muito adultas. Talvez, de todas as *adultices* de nossa vida cotidiana – como diria Mafalda –, as ilusões (psico)pedagógicas sejam as mais bem acabadas, as mais adultas, nas quais o pretense caráter adulto entranha o desconhecimento sistemático do *infantil*. É por isso que os títulos que esta coleção reúne fazem uma especial série. São de ensaios que, a sua devida maneira, lembram *disso*, do qual nada queremos saber, honrando, assim, a filiação de cada um de nós à invenção freudiana, que soube descortinar para além da amnésia infantil uma espécie de pré-história da infância pedagógica.

Talvez a psicanálise seja o avesso das *adultices*. Mas – é claro – tampouco se pode dela predicar que seja, conforme o sentido corriqueiro, “coisa de criança”. O rigor e o vigor do raciocínio freudiano obedecem à operação de alguns conceitos.

O livro que você – caro leitor – tem em mãos é uma boa amostra na esteira freudiana da fertilidade psicanalítica. Trata-se do desdobramento da volumosa tese doutoral do colega e amigo francês Robert Lévy. Além do fato de que na ocasião esta “tese” valesse uma tese em psicopatologia e psicanálise na *Université de Paris 13*, Robert Lévy apresenta e joga de fato com uma idéia de peso, com densidade própria: a psicanálise reclama o *infantil* como conceito. Onde a implicância mútua entre eles faz precisamente do infantil e do conceito coisas bem dife-

rentes do que na inércia cotidiana estamos habituados a pensar. Pois é – coisa engraçada – o *infantil* como conceito faz da psicanálise o avesso das *adultrices*!

O infantil não é um conceito auto-referencial, afirma nosso autor, um conceito tido adulto... eu diria. O infantil espreita-se num limiar de indiscernibilidade entre o ser *infans* e o tempo de *infância*, propriamente dito, ou seja, entre o tempo à espera da fala e aquele outro pós-edipianização. Tempo “situado” – que seria situar um tempo? – entre os dois e os cinco, seis anos; tempo por excelência do “não ainda” totalmente recalçado. Idéia interessante que explode o algoritmo da maturação, operador das clássicas psicológicas do desenvolvimento. O tempo do “não ainda” não é uma imaturidade: só espera no *a posteriori*.

Para resgatar o *infantil* das garras do evolucionismo maturativo que, como sabemos, também não poupou a psicanálise, em mais de uma ocasião, Robert Lévy afirma que ele é construído como conceito na ordem do recalque psíquico. O tempo ou “estágio” infantil é, assim, o momento da constituição psíquica de um sujeito do inconsciente, via precipitação do recalque.

A chave que desdobra o raciocínio resulta do encaixe das peças principais de um quebra-cabeça. Por um lado, a longa experiência clínica que indica ao Robert uma diferença entre aquelas produções infantis transitórias e os sintomas de difícil dissolução. Por outro, as leituras da tese freudiana sobre o fetichismo, do caso Harry de Alexander Lorand, datado de 1930 (em anexo nesta edição), e sua posterior elaboração, nos anos cinquenta, por Granoff e Lacan. Dessa forma, num golpe de mestre, Doutor Lévy diferencia metapsicologicamente construções de sintomas pela via, ora da metáfora, ora da metonímia. O fetichismo *in statu nascendi* do pequeno Harry seria uma construção sem metáfora, que permite elucidar o caráter transitório das típicas produções do “estágio” infantil, “não ainda” recalçadas. Neste livro, encontramos não poucas ilustrações desse típico império da metonímia na pequena infância, como certa incredulidade perante as metáforas retóricas.

E aqui a tese de Robert Lévy, como se já não fosse suficiente, também “acerta em cheio” – talvez desta vez sem querer querendo, como dizíamos quando crianças – numa outra *adulti-*

ce, qual seja a acadêmica distinção entre estrutura e desenvolvimento instalada, por não pouco tempo, no interior do campo psicanalítico. Por sinal, nada elucidativa da diferença entre necessário e contingente. O império dessas estruturas, que estavam mais para enteléquias que para sistemas de transformações na série do devir temporal, iniciou seu fim quando alguns começaram a formular, a partir da clínica da psicose na infância, a tese daquilo que chamaram estruturas não-decidas. Na ocasião, acolhi com total concordância a tese desses também queridos colegas. No entanto, costumava chamar a atenção – sem ter muita clareza – que o caráter não-decido da estrutura tinha que ser uma marca do tempo infantil posto que o raciocínio freudiano sobre a causação de sintomas pode ser lido na lógica da suplência e não do complemento. Pois, tamanha foi a minha alegria quando finalizei a leitura dos originais de Robert: ele acabou estendendo o caráter “não ainda” a todas as produções do tempo infantil, assim como o próprio Freud estendera há um século as fronteiras da mesmíssima sexualidade. Bom, não era para menos. Depois de tudo, cabe aos amigos também nos dar duas boas surpresas juntas!

Boa leitura!

São Paulo, outono de 2008